



trabalho

# Anthony Giddens “Precisamos de abdicar de direitos adquiridos”

O Google Scholar garante que ele é o sociólogo mais citado do mundo. Aqui, as frases fortes são sobre a reforma do Estado

Texto: Miguel Pacheco



Anthony Giddens esteve ontem nas Conferências do Estoril. No intervalo para o café teve a companhia, entre outros, de Jorge Sampaio. FOTO: DIANA QUINTELA / GLOBAL IMAGENS

Foi uma conversa rápida: 15 minutos, cinco perguntas. Anthony Giddens, o sociólogo britânico que ajudou a conceber a Terceira Via de Tony Blair, esteve nas Conferências do Estoril para debater globalização e democracia. Acabou, claro, a debater a reforma do Estado.

**Que Estado social?**

“O antigo Estado-providência tomava como garantidas a criação de riqueza e a criação de empresas. Claro que nada disso é garantido e os problemas tinham de aparecer. Havia também um problema conceptual: se alguém ficasse desempregado, o Estado pagava o desemprego. Se alguém precisasse, o Estado ajudava. Mas o que precisamos é que o Estado faça investimento social, que invista na educação e na formação dos jovens. Que dê condições e incentivos. Que invista na produção de coisas em vez de simplesmente distribuir riqueza. É uma mudança difícil de aceitar, agora que o velho Estado-providência está estabelecido, porque as pessoas têm dificuldade em aceitar a mudança e a perda de direitos. Se em Portugal alguém se reforma aos 65 anos, não quer abdicar disso. Mas estes não são direitos adquiridos nem garantidos: ou melhor, só podem ser se houver quem pague por eles, se forem sustentáveis.”

**Menos direitos?**

“Nesta fase de transição precisamos de abdicar de parte dos direitos que tínhamos adquirido. Se não estamos a produzir o suficiente, nunca conseguiremos ser competitivos. E a verdade é que não estamos a produzir o suficiente. Isso é real. Mas não acho que a prazo a Europa fique mais pobre. Ela tem a hipótese de fazer o contrário, de crescer mais do que os EUA, de ser mais competitiva. Tento equilibrar pessimismo e otimismo porque nunca sabemos o que nos guarda o futuro. Só há cenários. E uns mais desastrosos que outros.”

**Menos Estado, menos impostos?**

“Pedir que o Estado dê as mesmas garantias ao mesmo tempo que se pede uma baixa fiscal é um paradoxo. Que é promovido, em parte, a nível internacional, porque sabe-

mos que há empresas que não pagam os seus impostos e escondem os seus rendimentos um pouco por todo o mundo. Houve uma certa desregulação que também foi acompanhada de uma redução de responsabilidade social. Até chegarmos a uma cultura em que esperamos coisas mas não esperamos ser coletivamente responsáveis por elas. Precisamos de recuperar alguma responsabilidade pública e social, porque essa é a condição essencial para termos um Estado social. É um compromisso que nos envolve a todos.”

**O individualismo faliu?**

“O individualismo nas décadas de 80 e 90 foi um produto do tatcherismo, que punha a ênfase na responsabilidade individual e no equilíbrio dos mercados. E os mercados individualizaram-nos. Isso corrompeu a esfera pública no sentido em que deixámos de ser solidários. Agora não sabemos se conseguimos recuperar, porque também se criou uma cultura de consumo individual. De tal maneira que, para que uma economia sobreviva, é preciso que se continue a consumir. E se essa economia não produz esses bens, importamo-los. Temos de voltar a produzir coisas e não apenas a importá-las.”

**Há solução para o desemprego?**

“A solução para o desemprego não pode vir apenas de políticas internas. Estamos a lidar com um problema global e a maioria das economias industriais tem problemas com o desemprego – os EUA têm largas faixas da população desempregada. Temos de atuar a um nível geral, não apenas a um nível europeu. As grandes nações mundiais deviam organizar-se para recuperar parte do dinheiro que está em paraísos fiscais. E trazê-lo para as economias, ajudando a criar empregos. Sou a favor de um acordo de livre comércio entre os EUA e a Europa. Mas se olharmos apenas para o contexto português, precisamos de que a resposta venha de cima. O ponto essencial é quando é que a Europa evolui da austeridade para o investimento. E isso é uma decisão que todos estamos a esperar que a Alemanha tome. Se

eles não aceitarem alguma mutualidade europeia, a Europa vai fragmentar-se e isso também afetará a Alemanha.

A questão é se os outros países vão aceitar uma perda de soberania. E se depois da união bancária e orçamental avançarmos para uma forma parcelar de federalismo, com a eleição – direta ou indireta – de um presidente europeu. As nações europeias podem não estar preparadas para isso. Claro que um período de austeridade foi importante porque precisávamos de mostrar que não podíamos continuar a viver como vivíamos. E para os mercados financeiros acreditarem que passaríamos a viver pelos nossos meios, sem dívida a mais. Mas a austeridade não vai produzir crescimento. O investimento é a chave para resolver os problemas do desemprego, da formação, da competitividade.”

**Emigrar é um problema?**

“A emigração é um problema sério. Porque precisamos dela, porque precisamos de migração interna na Europa, precisamos de criar cidadãos europeus e de um melhor mercado de trabalho. As nações não podem insistir na soberania e depois quererem ter os benefícios da flexibilidade. Temos de garantir mais mobilidade, numa altura em que muitos países estão a resistir a essa mobilidade.”

**E depois da Terceira Via?**

Estou no ponto em que acho que precisamos de repensar a esquerda. Já não devíamos usar o termo Terceira Via. Estamos além disso, numa nova realidade empresarial-económica, global e local. Conseguiremos equilibrar a economia mundial? E criar emprego na Europa? E abraçar novas tecnologias? Todos esses assuntos precisam de ser resolvidos. Mas só os resolveremos se fizermos os sacrifícios necessários. Até porque tudo pode acabar em chamas.”

**PONTO FINAL** Giddens tem um bom hábito de produzir quase um livro de dois em dois anos, variando entre sociologia, política e economia.